

Um mundo com quatro cantos

Estruturas interindividuais de troca num conto de Edgar A. Poe

JOSÉ LOPES RIBEIRO

Resumo:

A análise do conto de Poe *The purloined letter* feita a partir de estruturas de troca nele detectadas, revelou um conjunto completo das mesmas, possível de organizar num sistema. O conto seria o levantamento das condições e modalidades de relacionamento entre dois indivíduos, constituindo em si mesmas, um universo de quatro tipos de troca. A relação interindividual sofreria ainda duas soluções, consoante se atende à sua forma ou conteúdo.

Palavras-chave:

Índios Apinayé; Estruturas de troca; Sistemas de estruturas; Metáfora; Metonímia.

Summary:

The study about the tale *The purloined letter* by Poe, based on exchange structures found in it, has unveiled a full set of them, which is possible to be organized in a system. The tale would be the gathering of the conditions and ways of relationship between two individuals, constituting themselves a universe of four exchange types. The inter-individual relationship would still have two solutions, all depending on its form or content.

Key words:

Apinayé indians; Exchange structures; System of structures; Metaphor; Metonymy.

INTRODUÇÃO

Vinha de há algum tempo a nossa discordância de certos aspectos da leitura que LACAN nos apresenta no seu seminário *La lettre volée* ⁽¹⁾ do conto de POE

⁽¹⁾ O título deste seminário é o mesmo da tradução francesa do conto de POE, o que em português daria «A carta roubada» a que fazemos referência.

The purloined letter. Essa discordância baseava-se substancialmente em dois pontos: primeiramente na importância do papel do duque em todo o processo e, segundo, na própria carta e naquilo que ela representa.

Estando de acordo com a existência de quatro personagens, identificávamos a quarta (ou aliás, a primeira) como sendo o duque que ao escrever uma carta permitia e dava início a todo um processo que acabava na troca da carta inicial por uma outra sem valor. É verdade que uma vez cumprido o seu papel de escrever a carta, o duque desaparece da intriga, mas nem por isso deixa de ser menos importante, pois é pela sua mão escondida que a carta entra em jogo e se torna no objecto de disputa de toda a gente. E se esta se transforma em algo cobiçável é, antes de mais, devido à sua proveniência aliada ao conteúdo. Proveniência que quase passa despercebida e conteúdo de que apenas se suspeita, dado o valor atribuído pelos personagens a esse pedaço de papel escrito. Estes dados transformariam a carta, quanto a nós, não no quarto personagem, mas no símbolo do poder em jogo na trama do conto. Se os personagens intrigam pela posse da carta, não é por ela mesma, mas pelo poder que a sua posse confere — é o poder que está em jogo, não a carta.

Uma vez esta interpretação assente, divergíamos, como se vê, um tanto da leitura lacaniana e de subsequentes escritos tratando do assunto dentro da mesma linha interpretativa. Faltava-nos, no entanto, algo de sólido onde nos apoiarmos, uma alavanca que nos ajudasse a remover o escolho que, parcialmente através da lógica, parcialmente através da intuição constituía para nós a referida interpretação. Essa alavanca surgiu-nos de forma algo inesperada, fornecida involuntariamente por uma tribo de índios amazónica, ela própria «um caso» conhecido do campo da antropologia. Foi, com efeito, ao debruçarmo-nos sobre a problemática levantada pelos Apinayé e ao propormos estruturas para os processos de doação de nome e de iniciação dos membros da tribo, que nos pareceu haver uma semelhança entre aqueles processos e correspondentes estruturas e os existentes no conto de POE.

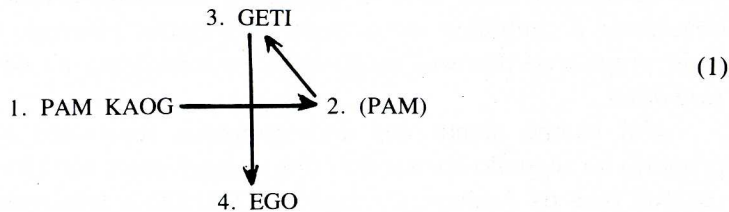
É, pois, a uma comparação entre os dois casos que vamos assistir ao longo destas páginas, aos resultados a que chegámos através dela e, sobretudo, às possibilidades interpretativas que essa comparação nos oferece. Para benefício do leitor, vamos retomar aqui parte do que escrevemos sobre os Apinayé⁽²⁾ e um resumo do conto *The purloined letter*⁽³⁾, sendo no entanto desejável, para um melhor acompanhamento do que vamos expôr — embora não absolutamente necessário — o conhecimento tanto desse estudo como do conto de EDGAR POE.

(2) J. LOPES RIBEIRO — *Os Apinayé - Ensaio de Uma Leitura*, Lisboa, 1983.

(3) EDGAR A. POE — *The purloined letter*, in «Selected Writings of Edgar Allan Poe», Harmondsworth, Penguin Books, 1982, p. 330-349.

AS ESTRUTURAS APINAYÉ

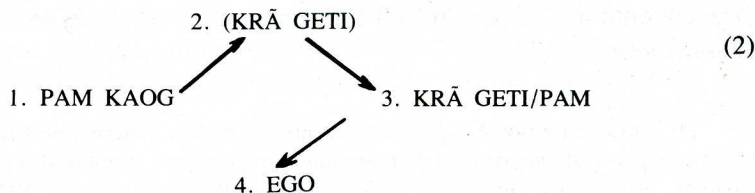
Antes do nascimento de uma criança Apinayé, dá-se início ao processo de nomeação, com a sua adopção por parte de um pai adoptivo (PAM KAOG), o qual se torna um «irmão do pai» do nascituro, seja qual for o seu sexo ou grau de parentesco com o verdadeiro pai (PAM). Uma vez isto feito, o PAM KAOG vai chamar o avô paterno (GETI) que doará à criança o seu nome e as prerrogativas que se lhe encontram ligadas. O processo, que envolve três gerações pode ser esquematicamente representado como segue, tendo em conta as gerações e o desenrolar da acção indicada pelas setas:



A acção inicia-se no PAM KAOG, cujo único papel, neste caso se limita a ir buscar o GETI doador do nome. O PAM encontra-se entre parêntesis, pois nada faz a não ser servir como ponto de referência que permite encontrar o GETI doador.

Depois da doação do nome, que inclui a criança numa das metades KOLTI/ /KOLRE à qual o nome recebido pertence, o processo de integração de EGO completa-se com a filiação, ao tempo da adolescência, numa das metades culturais de sangue IPOGNOTXOINE/KRENOTXOINE. A entrada para estes grupos cerimoniais é feita seguindo-se um procedimento que acaba por ter uma estrutura processual semelhante à da nomeação. Aqui também a iniciativa cabe ao PAM KAOG que irá buscar um filho do seu introdutor na metade de sangue a que pertence (KRÃ GETI), filho esse que se tornará no KRÃ GETI introdutor de EGO na metade de sangue oposta à do PAM KAOG. Embora a designação GETI para o introdutor faça supor uma distância de duas gerações em relação a EGO, um cálculo simples das idades prováveis dos quatro intervenientes, mostra que o PAM KAOG e o KRÃ GETI de EGO devem pertencer à mesma geração, pelo que se tratará, nesse caso, da descoberta de um PAM cerimonial e simbólico para EGO, uma vez que a diferença entre ambos é de uma geração.

De novo, tendo em conta as gerações dos intervenientes, podemos reconstituir o processo como segue:



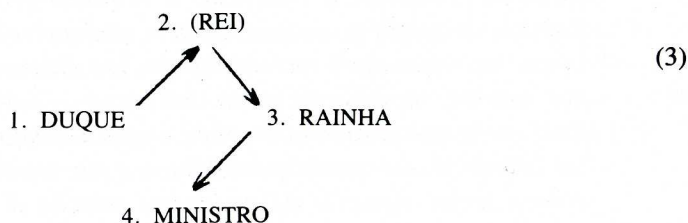
Assinale-se que se obteve estes dois esquemas através da análise do discurso Apinayé, e que eles se integram na lógica de um sistema de oposições. No interior desse sistema, o conjunto assim formado define e integra o campo da cultura, sendo a estrutura do processo representada pelo esquema (1) a do discurso formal, ideológico, ao passo que o esquema (2) estaria subjacente a um discurso fragmentário, com características próprias do simbólico. Atendendo à relação de igualdade que se estabelece no interior do esquema (1) entre o GETI e EGO⁽⁴⁾, é à relação de desigualdade existente entre o GETI/PAM e EGO no esquema (2), atestada pelo respeito temeroso que este último demonstra para com aquele, e a que ambos constituem o campo da cultura, diríamos que há uma correspondência entre os dois processos, homóloga à existente entre imaginário consciente e simbólico inconsciente. Por outras palavras, diríamos que a igualdade própria ao discurso *imaginário*, se transforma na desigualdade própria do *simbólico*.

Um exame atento dos dois esquemas revela-nos que, na passagem do primeiro ao segundo apenas dois dos intervenientes não são os mesmos. Sabendo-se que para os Apinayé a relação GETI/EGO é fundamental, tal mudança fica justificada pela necessidade de ser encontrada no esquema (2) uma relação directa desse tipo. Por outro lado, dado que neste esquema se trata de uma relação de sangue e, nos termos do discurso sobre o sangue, este último ser fornecido pela mãe e não pelo pai, disfarçar o PAM de GETI coaduna-se perfeitamente com a ideologia do discurso. Assim sendo, poder-se-ia considerar haver uma correspondência entre o esquema (1) e (2) sendo que, no primeiro caso, se trataria de estabelecer relações de igualdade e no segundo, de desigualdade entre os personagens intervenientes. Para vermos que, assim é de facto, basta pegar em cada um dos esquemas em separado e substituir as setas do desenrolar da acção pelas setas do outro. Desta forma é fácil concluir que as relações de igualdade se transformam em relação de desigualdade, e vice-versa, na passagem de um a outro esquema. Da operação, para além da reafirmação do tipo próprio de relações característico a cada um dos casos, ressalta a existência de funções no interior dos esquemas, funções essas que devem suceder-se pela mesma ordem no seguimento da acção dos dois processos. Assim, 1. é o iniciador da acção, 2. é o elemento que, sem tomar directamente parte na acção tem contudo de estar presente pois é ele que vai permitir encontrar o elemento seguinte, 3. é o dador de «qualquer coisa», 4. o receptor dessa mesma «qualquer coisa». É possível dizer-se que, no fundo, se trata duma transmissão (efectuada num caso e noutra em moldes diferentes) de 3. para 4., mas para que tenha lugar é necessário o concurso de um outro elemento 1., tendo este último, incapacitado de se dirigir directamente a 3. e obrigá-lo à transmissão, de servir-se de 2. para um efeito de «catalizador».

(4) São os próprios Apinayé a dizer que são ambos a mesma pessoa, dado terem o mesmo nome e as prerrogativas próprias do nome que são portadores. Ver DA MATTA, Roberto, *Um Mundo Dividido: a Estrutura Social dos Índios Apinayé*. Petrópolis, Vozes, 1976.

A CARTA ROUBADA

São as características apontadas nos esquemas Apinayé atrás referidos que, por coincidirem em parte com as estruturas descritas por LACAN no seu seminário *A carta roubada* nos levam a tentar uma aproximação entre os dois casos. Efectivamente, se considerarmos que o iniciador do processo de troca da carta é o Duque, obtemos, para o processo, uma estrutura semelhante à da filiação cerimonial Apinayé, tendo em conta que em termos de poder, o Rei pode ser olhado como acima do nível Duque/Rainha e o Ministro, abaixo desse nível:



Admitida a legitimidade deste esquema, vamos descobrir para os seus quatro intervenientes, funções que são absolutamente idênticas às verificadas para os quatro intervenientes nos processos Apinayé, bem como as características próprias do correspondente esquema (2). É a partir daqui que se torna interessante o estudo sistemático da estrutura do conto de ALLAN POE, pois tal trabalho, suspeitamos, pode conduzir-nos mais longe na interpretação dos processos Apinayé. Para uma melhor apreensão, vamos resumir o conto, dividindo-o em partes, cada uma delas constituindo um dos temas tratados ao longo da obra:

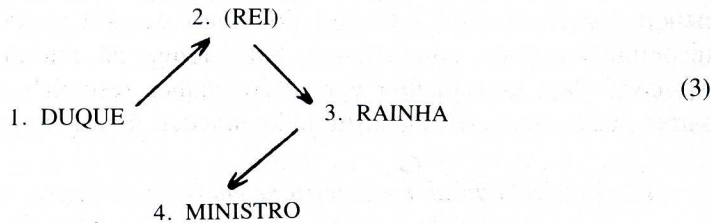
1. *O autor/narrador encontra-se em cada de Dupin, na companhia deste, os dois em silêncio e numa sala às escuras. Chega o Prefeito de Polícia de Paris que diz vir pedir opinião a Dupin sobre um caso que o preocupa. Começa por referir que o caso é verdadeiramente muito simples, mesmo excessivamente, e um tanto esquisito (odd). Dupin replica que talvez seja a simplicidade o que está a causar problemas, e o mistério talvez seja um pouco demasiado ⁽⁵⁾ simples, o que acaba por provocar o riso convulsivo do Prefeito.*

De notar, neste início de narrativa a situação de Dupin e do Autor, em silêncio e numa sala às escuras, situação que se modifica com a entrada de um novo personagem, apresentando-se então o que se pode considerar o tema da simplicidade. Em si mesma, a simplicidade da história que o Prefeito vai contar não merecia ser aqui incluída como constituindo um tema, de natureza explicativa, não fosse a insistência de Poe na simplicidade do que vai seguir-se.

(5) Sublinhados do autor.

2. Depois de muitas circunvoluções e meias palavras, o Prefeito conta a história. A rainha está só nos seus aposentos e lê uma carta que acaba de receber, quando entra o Rei. Não tendo possibilidade de a esconder, acaba por deixá-la aberta, em cima da mesa, como se coisa de pouca importância se tratasse. Enquanto conversava naturalmente com o Rei, entra o Ministro que se apercebe imediatamente da carta e da situação. Durante a conversação que tem lugar entre os três, o Ministro puxa de uma carta semelhante, que por acaso traz no bolso, finge ler qualquer coisa e deixa-a aberta em cima da mesa, ao lado da que já lá se encontra. Acabada a conversa, o Ministro retira da mesa a carta da Rainha, deixando a sua que não tem qualquer valor. A Rainha repara na troca, mas não ousa reclamar para não chamar a atenção do Rei que, por sua vez, de nada dá conta. Em suma — o Ministro fica em poder de uma carta que a Rainha recebeu e que a compromete; a carta constitui um trunfo a ser usado pelo Ministro no momento oportuno, o que o coloca numa situação de poder em relação à Rainha.

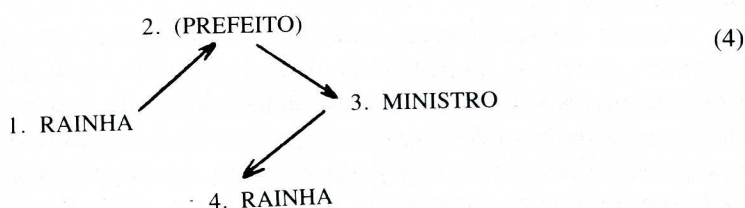
Dá-se aqui a primeira troca da carta. Carta que, neste momento, ainda não se sabe por quem foi escrita, mas atendendo ao conhecimento posterior de que dispomos, sabemos ter sido o Duque. Desta maneira podemos reconstituir o processo:



Esta é a estrutura do processo inicial de troca da carta, estrutura a que já fizemos referência. O Duque apesar de ausente, é o iniciador da acção, embora apenas se limite a escrever a carta e a enviá-la. A Rainha tem o poder — qualquer coisa de indefinido, personificado na carta, da qual não se sabe ao certo o conteúdo, mas que pela simples existência pode ser sempre voltada contra o Rei. Este encontra-se quase deslocado no meio da intriga, pois não age, não dá pela carta, não dá pela troca, nada sabe do que se passa abaixo da altura olímpica e um pouco trouxa onde se encontra. No entanto, é ele que, por existir e por estar presente, dá valor e possibilita a troca da carta — sem Rei não há carta, sem Rei presente não há troca. Finalmente o Ministro apodera-se da carta do Duque, substituindo-a por outra sem valor, um simulacro de poder que imana dele próprio. A Rainha apercebe-se, sente o poder que lhe escapa, dá conta que fica com um simulacro entre mãos; mas é perfeitamente impotente para impedir que o poder lhe fuja — quanto a isso nada pode fazer, só lhe fica a raiva.

3. A Rainha quer reaver a carta, mas não o podendo fazer pessoalmente, recorre ao Prefeito que, como bom polícia passa uma busca minuciosa e sistemática à residência do Ministro, sem contudo encontrar a carta. O próprio Ministro é revistado por duas vezes, sem qualquer resultado. No entanto, o Prefeito tem a certeza de que o Ministro tem a carta num local acessível, de forma a poder servir-se dela rapidamente, se necessário. A pedido de Dupin, o Prefeito fornece-lhe uma descrição completa da carta (descrição de que o leitor não toma conhecimento), após o que se despede.

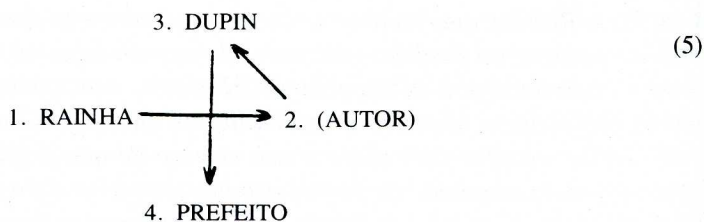
Trata-se da primeira tentativa falhada para voltar à posse da carta. Se tivéssemos de utilizar a estrutura precedente, verificaríamos que a Rainha teria nela de figurar duas vezes: como iniciadora da acção e como beneficiária, o que leva ao falhanço da tentativa, ocupando os outros personagens os papeis respectivos — o Ministro tem a carta e a polícia (Prefeito) nada sabe.



Concluindo: três personagens em cena e troca falhada por falta de beneficiário.

4. Um mês mais tarde, mesma sala e circunstâncias, retoma-se o assunto da carta. O Prefeito diz que naquele momento há uma recompensa bastante elevada pela carta — cinquenta mil francos, que diz estar disposto a entregar por inteiro a quem o ajudar no assunto. Dupin replica que lhe dará a carta em troca de um cheque no valor daquela importância — negócio efectuado de imediato.

Dá-se a troca da carta por um cheque de 50 000 francos. Esta «troca» é, de facto, uma venda, o que introduz um novo elemento — há pela primeira vez uma igualdade de valor entre o objecto trocado e o que se recebe de volta. Essa igualdade é atestada pelo facto de o dador da «coisa» (no caso, Dupin) não procurar reavê-la, sinal de que a carta se considera trocada pelo seu justo valor. A estrutura do processo de troca é diferente da que observámos em (3), mas em todo o caso, igual à do processo de nomeação Apinayé. Há também aqui quatro personagens, sendo um deles o autor, que estando presente não percebe o que se passa.



5. *Dupin conta a história do Dr. Abernethy: um rico avarento aproveita uma conversa comum com o Dr. Abernethy para tentar extorquir-lhe uma consulta grátis, descrevendo-lhe os seus sintomas como sendo os de um doente imaginário e perguntando ao médico o que receitaria perante tais sintomas. «Receitaria que se aconselhasse», responde o médico.*

Esta história aparece encadeada com a da troca da carta pelo cheque e é contada com a finalidade de fazer o Prefeito decidir-se a pagar a recompensa para obter a carta.

Apesar do seu aspecto anedótico, interessa-nos aqui referi-la, pois como veremos, integra-se no padrão da estrutura geral do conto. Dupin faz nela intervir três personagens: o médico, o avarento e o doente imaginário, este último um duplo, uma imagem do avarento, o que constitui novidade. De qualquer forma, e apesar da utilização do duplo do avarento, só há três personagens, devendo o avarento intervir das duas vezes no processo — como iniciador e beneficiário — pelo que se obteria uma situação idêntica à de (4) e a troca não se efectua.

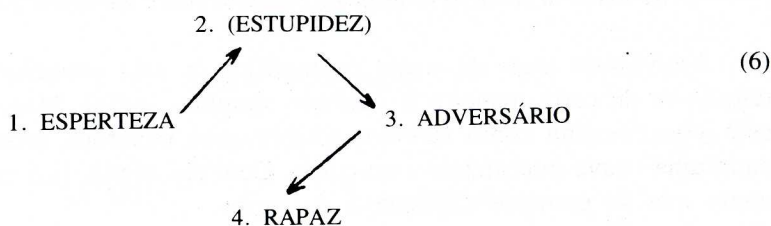
6. *Depois da saída do Prefeito, Dupin explica que apesar da eficiência dos métodos policiais, estes não se adaptam ao caso. Como exemplo, conta uma nova história, desta vez a de um rapaz de oito anos que ganhava a toda a escola ao jogo do par ou ímpar ⁽⁶⁾, bastando-lhe observar o grau de estupidez dos adversários e tentar adivinhar o que trariam na mão, de acordo com o mesmo grau.*

Para explicar como obteve a carta, Dupin começa por contar a história do rapaz que ganhava sempre. Se na história do Dr. Abernethy, o doente não passava de uma imagem do avarento, POE faz agora intervir dois personagens e as suas respectivas esperteza e estupidez, verdadeiras imagens especulares dos dois jogadores. Neste ponto é perfeitamente claro que os oponentes possíveis do rapaz são estúpidos. «Simpleton» ⁽⁷⁾ e «simpleton um grau acima do primeiro», eis como são classificados. Ao fazer intervir a estupidez dos adversários do rapaz, POE faz com que não seja o rapaz, mas a sua esperteza a ganhar à estupidez dos

⁽⁶⁾ Espécie de jogo das moedas.

⁽⁷⁾ Simplório.

opponentes. Para além de se obter por esta forma os quatro personagens precisos para o funcionamento do processo, resulta também, pelas próprias características das imagens empregues, um desequilíbrio, uma desigualdade, que se vai reflectir no tipo de troca. Desta forma, a estrutura do processo acaba por ser idêntica à do esquema (3).



7. *Fazendo falar o rapaz da história, Dupin dá a explicação de como ele ganhava sempre. Bastava-lhe, para tanto, compor a expressão facial do oponente ficando a saber o que ele pensava e sentia. O método usado era, no fundo, o da identificação com o adversário.*

O princípio da identidade, ao qual o rapaz recorre através da sua identificação com o opositor, não deixa de ser um princípio ambíguo, pois apresenta duas faces distintas que se pretende fazer corresponder através da identificação. Com efeito, POE vai fazer assentar esta última na composição da expressão facial do adversário, como meio de ficar a saber-se o que ele pensa e sente. É uma tentativa de unir a forma ao conteúdo, que não deixará de ser posta em causa, de forma indirecta e um pouco mais adiante, ao se condenar o formalismo da igualdade matemática. De qualquer forma a identificação com o oponente é uma *ruse* ⁽⁸⁾, típico das trocas assimétricas, como veremos.

8. *Segue-se uma relativamente longa diatribe contra os matemáticos e contra a igualdade matemática, aqui qualificada de formal e estéril.*

Ao colocar-se contra o pensamento matemático, formal e estéril, segundo ele, Dupin acaba por realizar uma oposição não só entre o matemático e o poeta (dois tipos de pensamento reunidos no Ministro), mas também entre dois tipos de troca, neste caso, o da troca desigual, assimétrica, que o Ministro realiza através de uma *ruse* ⁽⁸⁾ ao se apoderar da carta, e o de troca igual, simétrica, realizado pelo Prefeito ao trocar a carta por um cheque de cinquenta mil francos. A esterilidade deste último tipo de troca compreende-se: põe fim às andanças da carta e com ela à repetição das situações que permitam novas trocas.

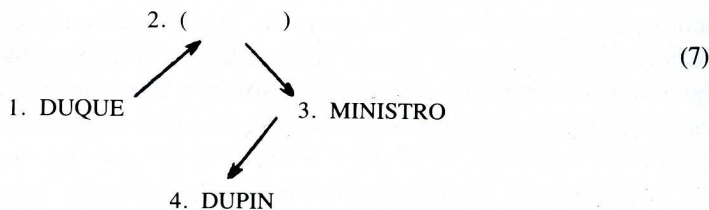
⁽⁸⁾ Em francês, no texto.

9. No seguimento da caracterização dos dois tipos de pensamento, matemático e poético (entenda-se *rusé*), Dupin acaba por referir, para caracterizar a *ruse*, o jogo do mapa. Segundo ele, o jogador experiente neste jogo, que consiste em descobrir um dado nome num mapa, escolhe um nome em letras grandes, que ocupe toda a largura do mapa, em vez de ceder à tendência natural para escolher um nome em letras pequenas.

Através do jogo do mapa exemplifica-se uma situação típica de *ruse* e retoma-se de certa maneira o «assunto simples» inicial. Mas, para além disso, este jogo constitui como veremos adiante, uma metáfora, através da qual nos é dada uma chave interpretativa do conto. Com ele, ainda, fica encerrada a fase do conto que se pretende explicativa da acção.

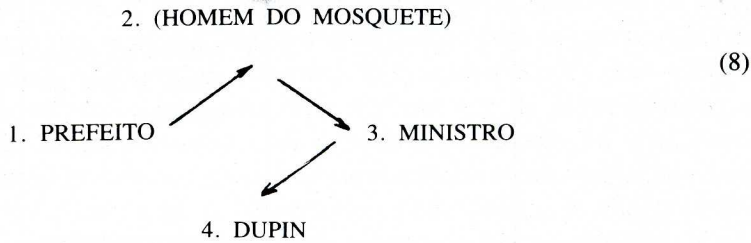
10. Dupin fala da visita que fez ao Ministro, visita que teve lugar no gabinete deste e durante a qual descobriu a carta, sem contudo ter tido oportunidade de dela se apoderar. Fica-se a saber que o autor da carta é o Duque.

Esta visita de Dupin ao Ministro é, uma vez mais, uma tentativa falhada. De novo surgem os habituais três personagens destes casos, mas agora faltando o elemento que deveria ocupar a posição 2. da estrutura de troca. A novidade está na descoberta do Duque como autor da carta.



11. Na manhã seguinte Dupin faz nova visita ao Ministro (com o pretexto de ir buscar uma caixa de rapé propositadamente deixada) e, estando com este, ouve-se um tiro na rua, seguido de gritos de mulheres e crianças. O Ministro abre a janela para ver o que se passa e Dupin aproveita para se apoderar da carta, trocando-a por outra que levava preparada para o efeito. Vai ter rapidamente com o Ministro à janela e, quando as coisas acalmam na rua e regressam ao interior, despede-se e sai. Dupin explica que a agitação na rua fora preparada por ele, tendo para o efeito contratado o homem que disparara um tiro de pólvora seca, o qual fora, mais tarde deixado seguir em liberdade pela polícia, depois de considerado bêbedo ou lunático.

A acabar o conto, temos um processo de troca idêntico ao inicial, em que o beneficiário substitui a carta verdadeira por uma falsa e onde vai aparecer um *homem de mosquete*, bêbado ou lunático, que ocupa a posição deixada vaga na anterior visita de Dupin e que tal como o Rei nada percebe do que se está a passar. Pode considerar-se o Prefeito como o iniciador próximo deste processo de troca, o que aliás, poderia ter sido feito já em (7) e estaria, talvez, mais correcto.



A ESTRUTURA FORMAL DO CONTO — AS TROCAS

Como se acaba de ver pelo resumo a que se procedeu, há no interior do conto um conjunto de situações que se repetem, sejam as trocas falhadas ou o número de personagens presentes em cada troca, constituindo-se desta forma um conjunto de regularidades que pretendemos fazer evidenciar. Para isso vamos ordenar estas situações segundo um quadro formando séries regulares e correspondendo cada um dos pontos do conto a idêntico ponto do resumo. A leitura vertical destes temas reconstituirá as séries existentes e a leitura horizontal e narrativa do conto.

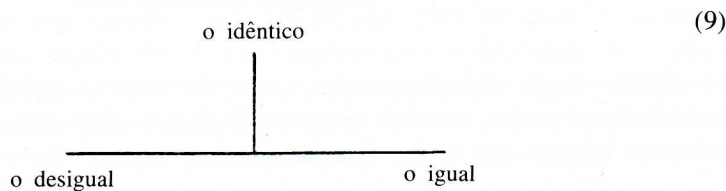
Neste Quadro I chamamos especialmente a atenção para o facto de a primeira série constituir um repensar sobre a acção directa constitutiva das outras três séries, tendo por isso um carácter justificativo e de certa maneira ideológico, aspecto ausente nas segunda, terceira e quarta séries. Para além da oposição que se pode assim constituir, e no interior dos dois grupos formados, é possível estabelecer correspondências entre os pontos das séries de troca e os da série a que chamámos de explicativa. Vejamos, portanto, como se formam estas correspondências, a partir das características das séries de troca.

Na segunda série, as trocas são caracterizadas pela desigualdade do bem dado, em relação ao recebido. O Ministro e Dupin trocam a carta verdadeira por uma falsa e o rapaz do tema sete, não chega sequer a trocar nada, pois ao ganhar sempre, só recebe. Dada a assimetria das trocas, esta só é possível de realizar através da astúcia, da *ruse*, pois tais trocas não passam de autênticos esbulhos, de roubos disfarçados de troca. Compreende-se que os possuidores do bem autêntico, legítimos ou não, não possam deixar de se sentir defraudados e que o tentem

demonstrada nas buscas à casa do Ministro. Com efeito, ter-lhe-ia sido possível entregar a Dupin em troca da carta do Duque um cheque não válido, quer por defeito de assinatura, quer por insuficiência de fundos, o que realmente não lhe passa pela cabeça. A este caso de troca simétrica corresponde, na série explicativa, o tema oito, isto é, o da igualdade matemática. Por sua vez, aos casos de troca assimétrica da segunda série corresponderão os temas um e nove da mesma série explicativa.

Entre estes dois tipos de troca, balança a terceira série, uma série de trocas falhadas e cuja importância provém de, por comparação com as outras duas, nos fornecer o que seriam as condições estruturais necessárias à troca. Por exclusão de partes fariamos corresponder a esta série o ponto sete da primeira série, ou seja, o do método da identificação com o oponente. Método no qual vamos descobrir uma contradição interna, pois é-nos apresentado como consistindo numa composição da expressão facial do adversário, como forma de chegar à descoberta dos seus sentimentos e valores, à descoberta da sua interioridade. Como se vê, combina-se desta maneira, a expressão exterior e formal com o conteúdo interior do indivíduo em causa, donde resulta uma contradição no próprio método e que o coloca numa posição de equilíbrio entre a astúcia (*ruse*) e a igualdade matemática.

É sobretudo através da série explicativa do Quadro I que se torna possível estabelecer o sistema lógico organizativo à volta do qual se orientam os vários casos de troca e respectivas justificações. Assim, os temas organizar-se-iam em redor de três polos, a saber, o igual, o desigual e o idêntico, os quais estariam entre si como os três vértices de um triângulo, e que corresponderiam aos três casos de troca: simétrica ou igual, assimétrica ou desigual e idêntica, e ainda aos respectivos temas explicativos do texto. Do triângulo que desta maneira se forma, diríamos que é o triângulo da modalidade lógica formal orientadora do conto.

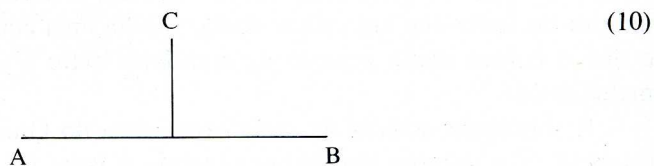


O quadro atrás formado presta-se ainda a ser desdobrado, para o que faremos aparecer em primeiro lugar os temas das séries de troca e em segundo os temas da série explicativa que lhes correspondem. Vamos atribuir a cada nova série assim formada uma letra, o que facilitará a sua posterior utilização.

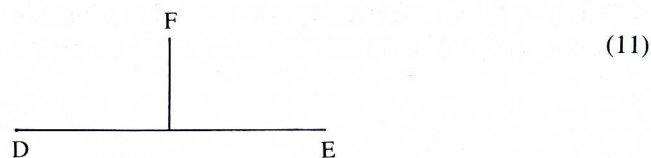
SÉRIES DE TROCA			SÉRIES EXPLICATIVAS		
desigual	igual	falhada	<i>ruse</i>	igualdade matemática	identidade
temas 2, 6, 11 A	tema 4 B	temas 3, 5, 10 C	temas 1, 9 D	tema 8 E	tema 7 F

QUADRO II

Repare-se agora que as séries de troca se organizam entre si respeitando a estrutura lógica formal que orienta o conto. Sendo as letras A, B, C representativas as séries de troca, teremos:



Por sua vez, as séries explicativas vão seguir a mesma organização lógica, obtendo-se um novo triângulo onde as letras D, E, F tomam posições correspondentes às letras A, B, C.



Desta dupla organização das séries de troca e explicativas, diríamos que constitui o primeiro nível da estrutura lógica formal, o qual trataria do relacionamento interno dos temas que integram o conto.

A ESTRUTURA LÓGICA FORMAL — AS SITUAÇÕES

Modificando agora a nossa perspectiva de abordagem do texto, repare-se que toda a acção do conto se passa na sala de estar de Dupin. A partir das duas situações iniciais nas quais apenas estão presentes na sala Dupin e o Autor, assiste-se a duas visitas do Prefeito, durante as quais são apresentados boa parte dos temas. Depois da saída do Prefeito, feita a segunda visita, Dupin e o Autor

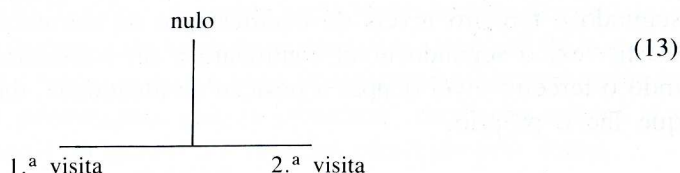
ficam de novo a sós na sala e Dupin vai falar apresentando numa série de explicações os restantes temas do conto. Temos desta maneira três situações a que chamaremos de iniciais, nas quais apenas se encontram presentes Dupin e o Autor. Destas, pelas circunstâncias que as envolvem — sala às escuras, silêncio, sentados a fumar — as duas primeiras são apresentadas como formalmente nulas e a conseqüente relação Dupin/Autor, estéril. Só a entrada do Prefeito, nas suas duas visitas, vai possibilitar a comunicação entre os dois intervenientes iniciais. Com efeito, com a entrada daquele, criam-se situações de troca virtual, em que participam quatro personagens: os três presentes na sala e a Rainha ausente. Ambas são situações virtuais de troca igual, pois o Prefeito só é capaz deste tipo de troca, e é no contexto formado por estas situações intermédias que se apresentam os primeiros casos de troca. Na terceira situação inicial, Dupin/Autor, não aparece contexto intermédio e, desta vez, é o próprio Dupin a falar e a apresentar directamente os restantes casos de troca e temas explicativos.

Temos assim três situações iniciais Dupin/Autor, formando um contexto englobante no qual se apresentam os temas do conto. As duas primeiras são caracterizadas por serem de troca formalmente nula, que só com a entrada do Prefeito são alteradas, passando-se às situações de troca simétrica integradoras do contexto intermédio. Aqui, vamos ainda distinguir entre a situação de troca virtual, criada pela entrada do Prefeito e o tema de troca em si mesmo. Assim, embora se considere que as visitas formam situações/contexto intermédias, as respectivas trocas irão surgir nos temas de troca. Esta distinção leva-nos a considerar um novo caso de troca falhada que tem lugar por ocasião da primeira visita do Prefeito (para não alterar a numeração dos restantes temas, vamos atribuir-lhe o número zero), indo a segunda visita dar lugar ao tema quatro, já referenciado. Com a saída do Prefeito, após a troca da carta pelo cheque reconstitui-se a situação inicial Dupin/Autor e, como foi dito, Dupin fala, apresentando os restantes temas do conto, sem necessidade de situação intermédia.

Vamos sintetizar num quadro o que foi até aqui dito, no qual vão aparecer desde já alguns outros elementos, o que fazemos com a finalidade de evitar a posterior repetição do mesmo. Nas páginas que se seguem, o Quadro III servirá de guia à nossa exposição, devendo o leitor a ele reportar-se para um mais fácil acompanhamento do que for dito.

A entrada do Prefeito vem, por duas vezes, resolver a situação de impasse criada na relação nula Dupin/Autor, estabelecendo-se as condições necessárias à relação de troca. Se a troca é considerada nula é porque, antes de mais, os seus dois intervenientes são considerados como iguais. No entanto, esta é uma igualdade formal e estática, que não traduz a evolução das relações existentes no tempo. Este faz, com efeito, surgir uma pequena falha na relação, falha que introduz a desigualdade. Assim entre as duas visitas do Prefeito, Dupin é o que *age* e *sabe* ficando o Autor remetido para os papeis de *ausente* e *ignorante*. Na terceira das situações iniciais, Dupin vê-se obrigado a falar, repondo a igualdade

Passando às duas entradas do Prefeito, obtêm-se como foi dito, outras tantas situações de virtual troca simétrica. São ainda duas situações iguais, como uma ligeira falha a distingui-las. Falha que desta vez é um pouco maior que a das situações iniciais introdutoras destas duas e que leva à não concretização da troca no primeiro caso. Apesar disso e embora formalmente não haja troca, quanto ao seu conteúdo estas situações podem considerar-se como iguais e incluídas no mesmo caso de troca, como adiante veremos. Repare-se também na inversão em relação às situações iniciais: nestas a falha aparecia da segunda vez, precisamente aquela que agora está na origem da troca simétrica e onde é o Prefeito, e não o Autor, que ocupa a posição de igual relativamente a Dupin. Do contexto criado através das visitas do Prefeito, pode dizer-se que serve de intermediário entre a situação inicial Dupin/Autor e a apresentação dos temas, sendo que na terceira destas últimas, a apresentação dos temas se dá directamente e sem recurso a contexto intermédio. Pelo que, considerando neste caso a situação intermédia como nula, já que para além da sua inexistência a própria narrativa assume o aspecto de resto neutralizador, dominada em extensão pelos temas explicativos, é possível chegar ao mesmo triângulo de organização lógica formal, nosso conhecido:

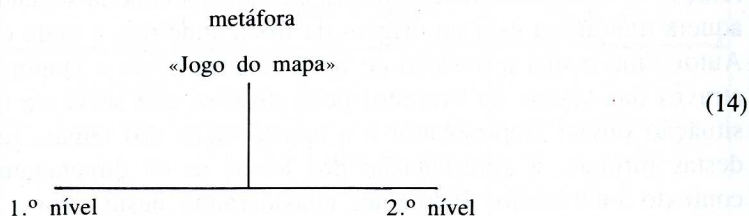


Deste triângulo, diremos que constitui o segundo nível de manifestação da estrutura lógica formal orientadora do conto, havendo ainda um terceiro nível de manifestação da mesma, explicitado através das três situações Dupin/Autor relacionadas entre si no esquema (12).

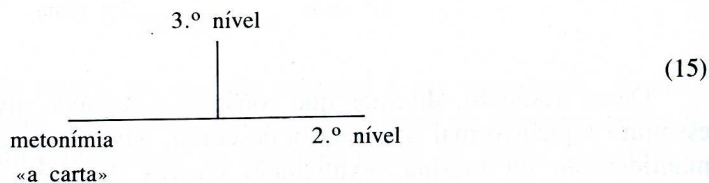
A CARTA E O JOGO DO MAPA

Da leitura de *The purloined letter* ficou-nos a impressão geral de que as trocas se passavam em termos de igualdade. Isto apesar de POE nos pôr perante um texto que objectivamente constitui a defesa da troca assimétrica e o denegrir da troca simétrica, considerada estéril. Defesa que passa pelo louvor do poeta *rusé* confrontado ao igualitário e formalista matemático, numa narrativa dominada em extensão pelos casos de troca desigual e respectivos temas justificativos. De onde vem então a nossa impressão de igualdade das trocas? Muito simplesmente do contexto de situações de troca simétrica, criado pelas visitas do Prefeito

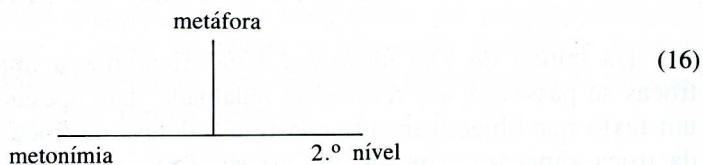
e que serve de pano de fundo onde se vão inscrever os casos de assimetria de troca. Como no «jogo do mapa», trata-se também aqui de descobrir a igualdade latente, escondida em letras bem grandes ao longo do texto. É aliás esta metáfora do «jogo do mapa» que possibilita a ligação entre o primeiro e o segundo nível de manifestação da estrutura ternária. Considerando que o segundo nível é o da igualdade e o primeiro o da desigualdade das trocas, obtemos como segue a passagem de um ao outro.



Se o jogo do mapa se constitui em metáfora, permitindo a ligação entre estes dois níveis, a carta, representante e símbolo do poder em disputa pelos vários personagens, vai constituir-se na metonímia que estabelecerá a ligação entre os segundo e terceiro níveis de manifestação da estrutura lógico formal apontada. Desta vez, o segundo nível continuará a ser considerado como o da igualdade, indo o terceiro nível ocupar a posição da identidade, dado o carácter de nulidade que lhe é próprio.



Dos esquemas (14) e (15) fácil é verificar o papel de ligação desempenhado pelo segundo nível entre a metáfora e a metonímia presentes no conto:



o que também pode ser expresso dizendo-se que a ligação entre estas duas figuras é realizada através de uma estrutura de troca simétrica, ou então, que a metáfora joga na identidade das partes e a metonímia na assimetria das mesmas.

Queríamos ainda acrescentar sobre esta mesma carta da qual é tão difícil falar, que ela, aparecendo como símbolo do poder em jogo não deixa contudo de possibilitar a dificilmente exprimível relação Dupin/Autor. Neste seu papel, serve de veículo de expressão da relação interindividual, aqui reduzida aos seus aspectos ligados ao poder. No caso concreto do conto que estamos a tratar, o poder em causa será o político, mas o poder que está por detrás e que se pretende simbolizar é mais vasto. Nas muitas culturas onde surge o tema mítico do roubo não é uma carta, mas o fogo que é roubado. Fogo que, se por vezes é fogo fundador da cultura, que distingue entre o cru e o cozido é, não raro, o poder de gerar e transmitir a vida. E é isso mesmo o que acontece, em pelo menos um dos processos de troca aqui estudados, onde o poder em jogo passa de pai para filho através da cadeia de sangue. Neste caso, ele vai surgir perfeitamente independente da vontade humana, apenas submetido às leis do tempo e da geração.

Por outro lado, o poder com que estamos a lidar, advém de um conjunto de circunstâncias ligadas ao processo de troca e às posições que os quatro personagens ocupam no interior do mesmo processo e não ao conteúdo ou procedência da própria carta. POE deixa o facto muito claro, não nos dando nunca a conhecer o conteúdo da carta e só, quase que incidentalmente, deixando saber que o seu autor ausente é o Duque. Acresce que a distinção entre a carta verdadeira e as outras falsas, e que confere valor, é operada através do selo do Duque, aqui entendido como a marca distintiva do lugar do ausente, nas estruturas de troca em questão. Através da carta, estas estruturas são transformadas em estruturas de troca de poder entre os personagens que as compõem, conclusão que se nos afigura legítima tirar, dentro do quadro das relações oferecido pelo conto.

A ESTRUTURA LÓGICA DO CONTEÚDO

Temos vindo a considerar os casos de troca que compõem a história de *The purloined letter* tendo em conta apenas o tipo formal da troca, sem atender ao seu conteúdo. Neste, teremos contudo alguns aspectos importantes que interessa aqui tratar. Em primeiro lugar, no respeitante aos objectos de troca. Nos casos de troca simétrica um objecto é trocado pelo seu valor real, mas como se viu, a carta causadora de tantos trabalhos, foi trocada duas vezes por uma outra sem valor, o que constitui uma troca assimétrica. Mais longe, no entanto, vai o «rapaz que ganhava sempre», pois aqui há uma ausência total de objecto/contrapartida da troca. Temos, desta maneira, não dois, mas três tipos de troca consoante a existência ou não de objecto de contrapartida da troca, e o valor desse mesmo objecto.

É igualmente importante não deixar de assinalar o número dos personagens do processo de troca. Através dos casos de troca falhada chega-se à conclusão que esse número deve ser de quatro, mas esses quatro nem sempre são os mesmos. Na história do Dr. Abernethy como na do «rapaz que ganhava sempre»

surgem personagens imaginários e se na primeira não há troca possível por apenas aparecer um personagem imaginário, na segunda já aparecem dois, perfazendo-se o total de quatro, necessário ao processo, e a troca efectua-se. Ora, temos a certeza que entre os quatro personagens tidos como fundamentais que surgem nos outros tipos de troca não há imaginários. Essa certeza é-nos dada, não através do conto, mas através de uma tribo de índios que possui os mesmos processos de troca e onde efectivamente são precisos quatro indivíduos diferentes para que os processos de troca funcionem.

Assim sendo, e atendendo portanto à existência ou não de objecto de contrapartida da troca e ao seu valor, bem como à existência no processo de troca de dois personagens imaginários ou não, tipificam-se não dois, mas três casos de troca: com contrapartida igual, com contrapartida inferior e sem qualquer contrapartida. Tendo ainda em atenção a primeira visita do Prefeito a Dupin, que embora sem dar origem directa a um tema de troca cria, *de facto*, uma situação de troca, é possível elaborar um novo quadro temático, desta vez baseado no conteúdo dos próprios temas, e onde aquela situação de troca aparecerá como constituindo um tema, ao qual se atribuiu, como se disse, o número zero a fim de evitar alterar a numeração dos restantes temas. Neste quadro, a cada troca realizada irá corresponder uma troca falhada e um tema explicativo, formando cada conjunto assim obtido um caso de troca.

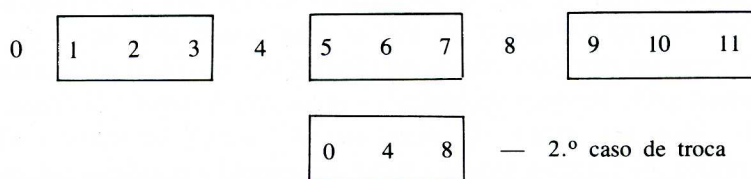
	Explicação	Troca falhada	Troca igual	Troca desigual	Troca sem contrapartida
1.º caso	1. o assunto simples	3. o Prefeito passa busca à casa do Ministro		2. o Ministro troca a carta por outra sem valor	
2.º caso	8. a igualdade matemática	0. 1.ª visita do Prefeito a Dupin	4. Dupin troca a carta por um cheque		
3.º caso	7. o método da identidade	5. a história do Dr. Abernethy			6. o rapaz que ganhava sempre
4.º caso	9. a ruse/jogo do mapa	10. 1.ª visita de Dupin ao Ministro		11. Dupin troca a carta por outra sem valor	

QUADRO IV

Por este Quadro IV pode verificar-se que cada um dos casos de troca compreende, como dissemos, além da troca efectuada, uma troca falhada e um tema explicativo. Como o primeiro e quarto caso são idênticos, temos os três tipos de troca tratados no conto, conforme mencionado.

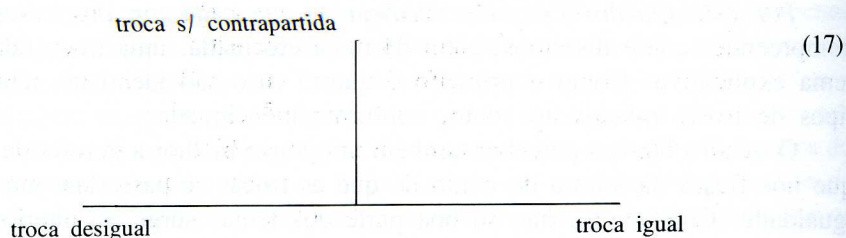
O quadro faz-nos perceber também um pouco melhor a já referida impressão que nos ficara da leitura do conto de que as trocas se passariam em termos de igualdade. Com efeito, não só boa parte dos temas surge no interior das duas situações de igualdade, mas ainda o tema explicativo correspondente a estas duas situações de troca simétrica domina em extensão de texto a fala de Dupin, na terceira situação. Temos assim que a problemática da troca simétrica sofre, ao longo do conto, um tratamento extensivo largamente dominante. Dominância extensiva que se manifesta não apenas através da extensão do texto, mas também da minúcia com que é descrito o procedimento de busca do Perfeito à residência do Ministro que, como boa parte dos temas explicativos da fala de Dupin, embora sem tratar da troca simétrica a ela se reporta de forma indirecta, funcionando como a sua negação. Desta maneira, a igualdade da troca acaba por estar presente em praticamente toda a extensão do conto, quer através da criação das situações contextuais de troca simétrica, quer porque a própria narrativa nela se baseia constantemente, seja de forma directa, seja pelo esforço dispendido em negá-la. Acresce que as características acabadas de apontar, acentuam o carácter de resto neutralizador da fala de Dupin, na terceira das situações iniciais.

Repare-se também que os temas integrantes do caso de troca simétrica (segundo caso do Quadro IV) se encontram dispersos ao longo da narrativa, ao contrário do que acontece com os outros casos, cujos temas aparecem em sequências agrupadas. Este facto é verificável se alinharmos os temas e seguidamente os agruparmos, de forma a reconstituir os vários casos de troca.

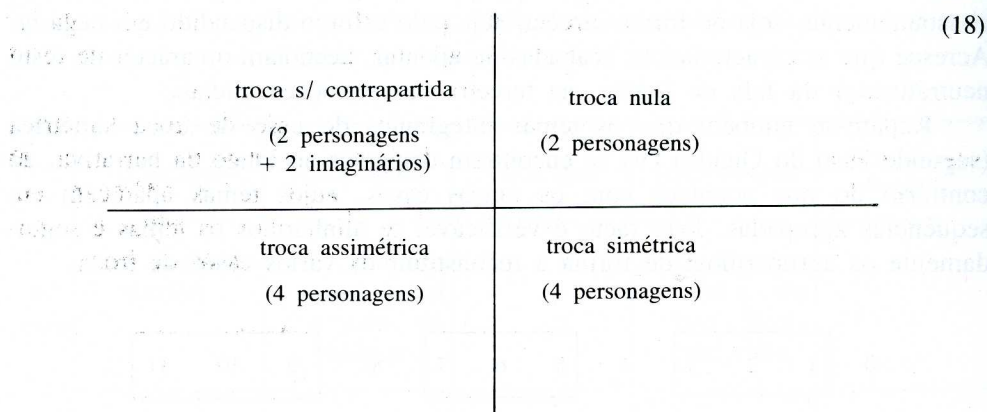


Como se vê, os temas que formam o segundo caso de troca estão intercalados entre os conjuntos formados pelos outros temas. O conjunto formado por estes temas intercalares dá-nos, em si mesmo, o caso de troca, enquanto a sua dispersão e intercalamento constituem o aparecimento na narrativa da situação contextual intermédia de troca simétrica.

Utilizando ainda o mesmo sistema de representação das oposições que temos vindo a usar, e tentando nele situar os tipos de troca tal como agora foram definidos, fácil é verificar que ele não se adapta ao que temos entre mãos, pois dois dos casos constituem trocas assimétricas e o outro uma troca simétrica:



Este pequeno problema ficará solucionado se nos reportarmos um pouco atrás, às situações do Quadro III. Aqui, nos três casos, as situações partem da relação Autor/Dupin. Podemos, desta forma considerá-la como a relação base, em si mesma estéril, enquanto possuindo apenas dois personagens. Considerando esta relação inicial como um caso de troca nula, obteremos um outro tipo de troca, o que permitiria reequilibrar o esquema (17). Só que temos agora um sistema de oposições a quatro elementos e não três, como até ao momento acontecia:



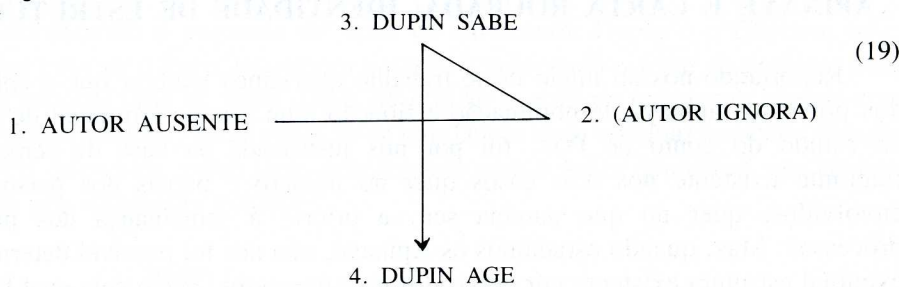
Repare-se que neste esquema os dois tipos de troca da esquerda são assimétricos, enquanto os da direita são simétricos (embora a troca num deles seja nula — Dupin e o Autor são iguais) e ainda que nos dois tipos superiores aparecem apenas dois personagens, já que no caso da troca sem contrapartida há duas imagens, ao passo que nos dois tipos inferiores aparecem quatro personagens.

Se através do formalismo da troca e do jogo da organização formal dos temas se obtiverem, como efeito, as condições da própria troca, bem como a organização e as passagens entre os três níveis do conto, a consideração do conteúdo da própria troca permitiu definir esses mesmos níveis e a obtenção de um sistema quaternário de oposições que possibilita interpretar *The purloined*

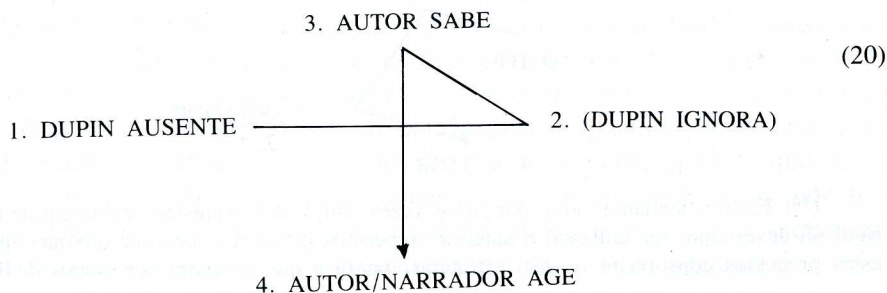
letter como o levantamento das trocas possíveis e, conseqüentemente, das relações possíveis entre dois indivíduos, conclusão tão importante quanto inesperada, pois ultrapassa de longe tudo o que seria de esperar de um simples conto.

A RELAÇÃO DUPIN/AUTOR

Se bem que olhada como nula, a relação Dupin/Autor não é contudo isenta de movimento e, portanto, impenetrável à análise. Entre a primeira e segunda visitas do Prefeito, Dupin age, apoderando-se da carta. E não só age, mas *age* porque *sabe*, o que está na origem da sua própria acção e das explicações que dá. Desta forma temos um autor remetido, como dissemos, aos papéis de ignorante e ausente (da acção, entenda-se). Assim se formam dois conjuntos: um Dupin que *sabe* com um Autor que *ignora* e um Dupin que *age* com um Autor *ausente* da acção. Estes dois conjuntos são passíveis de ser ordenados numa eventual estrutura de troca simétrica, dado que os atributos acima mencionados preenchem as condições necessárias aos intervenientes dum processo de troca:



Mas isto não é ainda tudo — se o Autor não escrevesse, se não tivesse passado a narrador, nós nunca saberíamos o que se tinha passado com as andanças da carta. Por outro lado, a fala de Dupin na terceira das situações iniciais, neutraliza o desvio em relação ao *saber*, mas não ao *agir*. A neutralização da acção de Dupin e reposição da igualdade original entre ambos é obtida através da escrita do Autor. A passagem do Autor que *sabe*, depois das explicações fornecidas por Dupin, ao Autor que *age* escrevendo, conduz Dupin às posições de *ignorante* e *ausente* da acção de escrever, o que equivale à troca das posições dos intervenientes no esquema anterior:



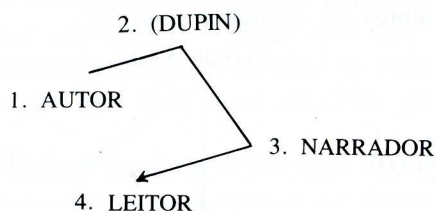
Esta é a situação definidora da escrita segundo os termos da lógica das situações de troca definidas através do próprio conto. Desta maneira, a falha desequilibrante causada pelo conhecimento de Dupin e conseqüente ignorância do Autor, para além de levar à acção pontual do primeiro à procura de um equilíbrio interno, leva o Autor, partindo do equilíbrio parcialmente reposto a uma acção voltada decididamente ao exterior, como forma de regresso ao equilíbrio inicial comprometido⁽⁹⁾. Verdadeiramente, não podemos dizer que haja, em todo o processo; uma real relação entre Dupin e o Autor, pois se limitam a actuar, cada um por sua vez, para reposição de um equilíbrio entre ambos que passa pela ocupação alternada das posições no interior do processo de troca. É por isso que a troca entre eles é nula, não havendo propriamente um objecto de troca — o poder simplesmente alterna de posições, o que obriga primeiro um, depois o outro, a uma acção com o fim único e exclusivo de repor uma igualdade estática precária, se bem que as respectivas acções tenham lugar em esferas diferentes: Dupin *no e para* o interior da relação e o Autor *no e para* o exterior da mesma.

APINAYÉ E CARTA ROUBADA: IDENTIDADE DE ESTRUTURAS

Reportando-nos ao início deste trabalho queríamos lembrar que a aplicação dos processos apinayé de nominação e filiação num grupo cerimonial de sangue ao estudo do conto de POE, foi por nós justificada na base da semelhança flagrante existente nos dois casos quer no número e papeis dos personagens envolvidos, quer no que parecia ser «a priori» a semelhança dos próprios processos. Mas, quando estudámos os Apinayé, não nos foi possível determinar a eventual estrutura existente por detrás dos dois processos, razão pela qual falamos em *processos*, aos quais se refeririam os esquemas apresentados⁽¹⁰⁾.

Dos quatro personagens que fazem parte de cada um dos processos, o primeiro é o iniciador do processo e é um *ausente*; o segundo tem por papel o

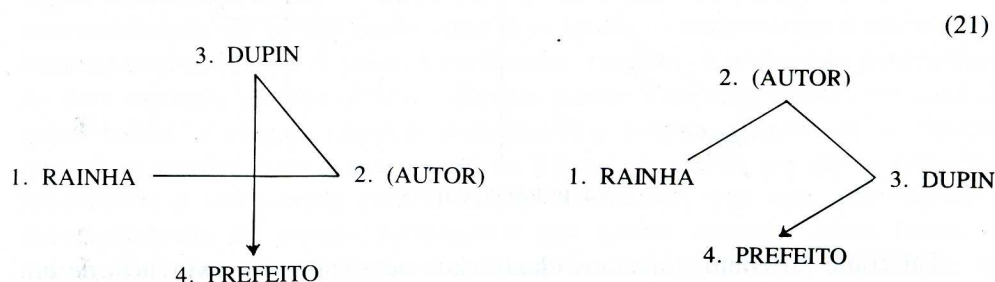
(9) A título de curiosidade deixamos aqui o que seria a situação de leitura, que pode ser definida com o recurso a dois pares de posições — AUTOR, ausente/DUPIN, ignorante; NARRADOR que sabe, LEITOR que age, lendo — organizados desta vez segundo um esquema de troca assimétrica (o LEITOR dá uma contrapartida nula, ou quando muito, inferior ao valor real do conto):



(10) Embora tenhamos aqui, por várias vezes, utilizado a expressão «estruturas de troca», em rigor só deveríamos ter utilizado o anterior «processos de troca», uma vez que não apurámos se estes processos constituíam ou não estruturas, tarefa a que só agora nos vamos dedicar.

estar presente, é um ponto de referência obrigatório, mas não age e é um *ignorante*; o terceiro é o *cedente*, impotente, nada pode fazer para impedir a fuga do poder que possui; e finalmente o quarto é o beneficiário, algumas vezes *rusé*, outras não. Assentes as características dos personagens, assente que o processo seguia a ordem descrita, baseámo-nos ainda numa distribuição dos quatro personagens por três níveis, fossem eles determinados pelo *tempo*, constituindo gerações, ou pelo *poder*, constituindo graus de derivação do poder, o que em ambos os casos acabava por resultar na hierarquia de níveis. O que não conseguimos determinar no estudo sobre os Apinayé foi a passagem e correspondência dos personagens no processo de filiação no grupo cerimonial ao processo de nomeação. E é este último ponto que nos impede de falar da existência de estruturas, pois até ao momento e apesar de considerações de ordem teórica apontarem para a segunda das hipóteses, não conseguimos determinar se as personagens deveriam ser consideradas em posições fixas e com características diferentes no interior dos processos, se pelo contrário, deveríamos considerar personagens com características fixas em diferentes posições dos mesmos processos.

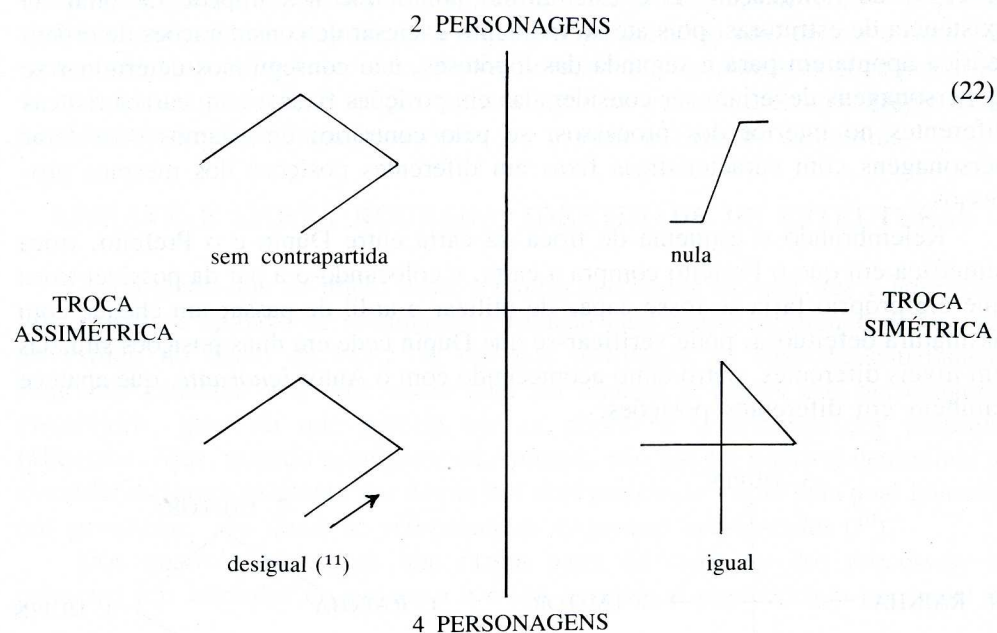
Relembrando o esquema de troca da carta entre Dupin e o Prefeito, troca simétrica em que o Prefeito compra a carta, e colocando-o a par da possível troca que ele próprio faria se fosse capaz de utilizar o ardil de passar um cheque com assinatura defeituosa, pode verificar-se que Dupin cede em duas posições situadas em níveis diferentes, outro tanto acontecendo com o Autor *ignorante*, que aparece também em diferentes posições:



Daqui se conclui pela existência de características fixas, determinadas pela ordem que as personagens ocupam na sequência da acção, independentemente do nível onde possam estar. Assim, a posição 3 é a do *cedente*, não interessando quem ele seja — Rainha ou Dupin — e o processo será de troca simétrica ou assimétrica conforme essa posição se encontra no terceiro ou segundo nível da hierarquia interior do processo. A partir deste momento, podemos falar com toda a propriedade em estruturas de troca, caracterizadas qualquer delas pela existência de quatro posições, com características bem determinadas, que serão posteriormente ocupadas por outras tantas personagens, distribuídas por três níveis hierárquicos e por um processo de troca seguindo uma ordem sequencial definida. A posição inicial e a final estão sempre situadas no segundo e terceiro

níveis. Consoante a posição 2 esteja no segundo ou primeiro nível assim teremos estruturas de troca simétrica ou assimétrica.

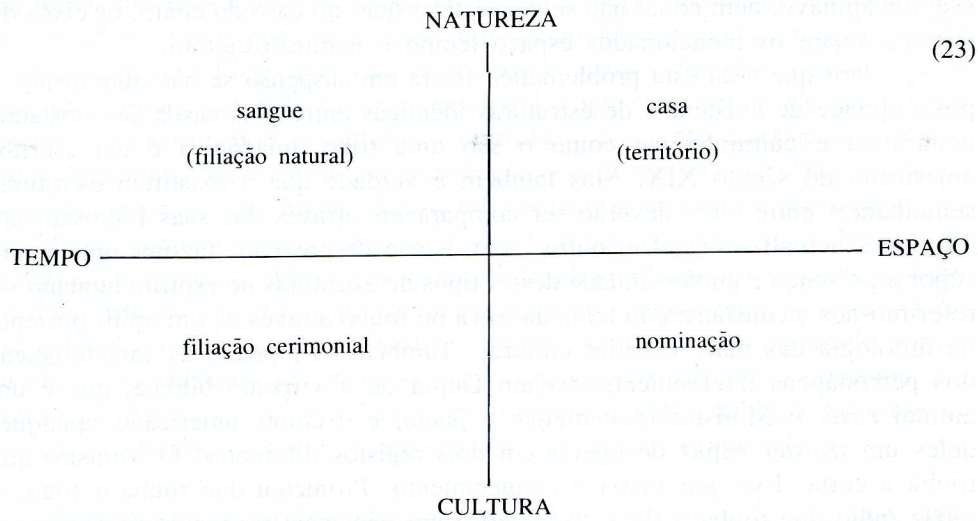
A troca sem contrapartida e a troca nula podem ser consideradas como casos especiais das estruturas de troca assimétrica e simétrica respectivamente, se atendermos ao que foi dito a propósito do esquema (18) e da relação Dupin/ /Autor. Este mesmo esquema (18) constituindo o sistema de oposições significantes de troca é construído a partir de dois eixos de simetria: troca simétrica/ /troca assimétrica e dois/quatro personagens, conforme aparece no sistema a seguir. Sistema onde ainda vamos situar os esquemas representativos dos vários tipos de troca.



Tal como no conto, tínhamos identificado nos Apinayé a existência de um sistema de oposições a quatro elementos, definido com o auxílio de dois eixos de simetria: espaço/tempo e natureza/cultura. Nesse sistema os quadrantes inferiores eram ocupados pelas estruturas de nominação e filiação cerimonial, sendo os quadrantes superiores ocupados por prováveis estruturas correspondentes à *casa* e ao *sangue*. Embora não se tivesse chegado à determinação de tais estruturas, ficou claro que à *casa* correspondia o tratamento e definição de questões de índole espacial ligadas à demarcação de um território e o *sangue* trataria de questões relativas ao estabelecimento de relações individuais através dos graus de parentesco, calculados segundo maior ou menor proximidade de sangue. Foi também

⁽¹¹⁾ No esquema da troca desigual surge uma pequena seta representativa da contrapartida de valor inferior prestada pelo beneficiário.

referenciada a existência de uma relação entre *casa* e *sangue*, na qual o território funcionaria como o elemento inconsciente e o sangue o elemento do discurso consciente que o recobria.



Neste sistema, é imediata a correspondência entre estruturas dos quadrantes inferiores e as do esquema (18), que já verificámos serem iguais. Mas outros pontos de contacto existem entre os dois esquemas que nos levam a supor que sejam idênticos. Assim, as características atribuídas à relação Dupin/Autor — impossibilidade de comunicação entre dois iguais — encontraram o seu equivalente na noção apinayé de *piâm*, significando «respeito» e traduzindo a estranheza de dois espaços, quando obriga o homem casado e os seus sogros, em casa de quem habita, a não se dirigirem mutuamente a palavra. *Estranheza* de espaços que só se resolve com o nascimento de filhos, na medida em que o genro vai misturando o seu sangue com o sangue da mulher, este sim, proveniente e correspondendo ao espaço habitacional que ambos ocupam. Desta forma, e através de uma nova geração, se encontra saída para a impossibilidade de relacionamento entre dois indivíduos, provindos e representantes de espaços diferentes.

Com esta solução garante-se ainda a passagem ao tema do *sangue*, visando a problemática dos graus e proximidade do mesmo, e implicando a inscrição no quadrante seguinte do sistema de oposições. Ora, para lá de idêntica transposição de quadrantes no esquema (18), isto é, de a solução óbvia e imediata da troca nula ser a troca sem contrapartida — troca que exige na mesma dois personagens e não quatro, com as outras duas — a passagem do poder para a nova geração, aqui entendido como o poder que advém de gerar filhos, constitui uma forma de troca sem contrapartida, uma vez que se dá de forma irrevogável com a passagem do tempo, e perante a impotência da geração mais velha que nada recebe ou pode fazer.

Por todos estes motivos, admite-se que os dois sistemas de oposições, o apinayé e o de *The purloined letter*, sejam idênticos, muito embora não tenham sido determinadas as possíveis estruturas a inscrever nos quadrantes superiores do sistema apinayé, bem como não se possa dizer que, no caso do conto, os eixos do sistema sejam os mencionados espaço/tempo e natureza/cultura.

É claro que toda esta problemática ficará em suspenso se não admitirmos a possibilidade de existência de estruturas idênticas entre dois casos tão afastados geográfica e culturalmente como o são uma tribo amazónica e um escritor americano do século XIX. Mas também é verdade que a existirem estruturas semelhantes entre eles, deverão ser comparáveis através das suas forçosamente diferentes actualizações. Um outro facto, e não desprezível, faz-nos igualmente supor a presença e universalidade destes tipos de estruturas no espírito humano — referimo-nos à constância do tema da troca ou roubo através de um ardil, presente na mitologia das mais variadas culturas. Também se repetem as características dos personagens intervenientes: sejam Dupin ou a serpente bíblica, que é um animal *rusé*, o Ministro (matemático e poeta) e o coiole americano, qualquer deles um *trickster* capaz de operar em dois registos diferentes. O Ministro que rouba a carta, Eva que rouba o conhecimento, Prometeu que rouba o fogo, o rapaz índio que rouba a filha do jaguar e um não mais acabar de personagens, todos eles se apoderam de um bem, representativo do poder, que uma vez roubado não voltará à posse do original possuidor, pese a geralmente enorme desproporção de poderes entre ladrão e dono legítimo. Este último apesar de todo o seu poderio, apenas conseguirá mover perseguição e, quando muito, castigar o culpado, mas jamais reentrará em posse do bem, para sempre perdido.

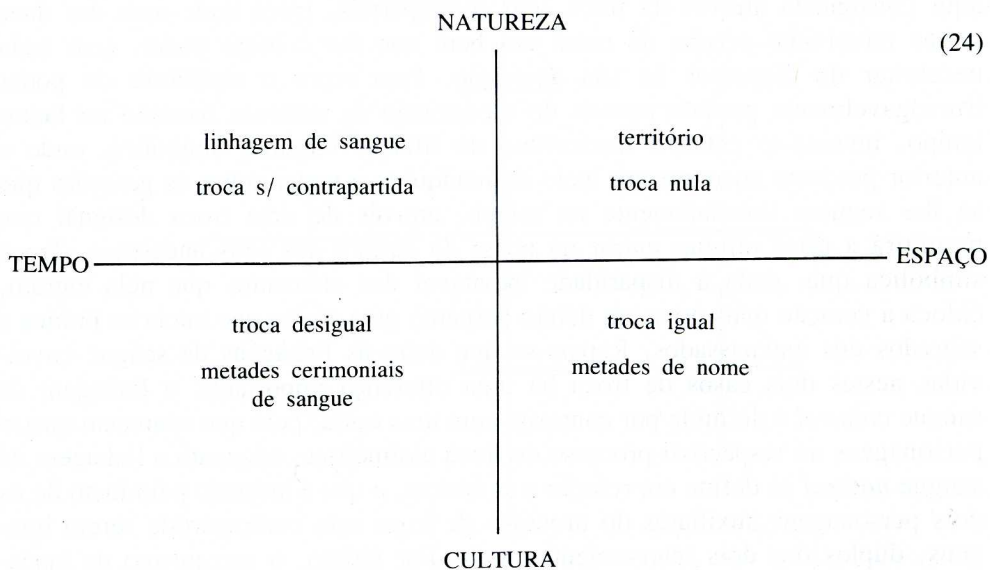
Por estes dois motivos — características inerentes à própria estrutura e constância de uma temática mitológica — supusemos a aplicabilidade dos esquemas representativos dos processos apinayé ao estudo do conto de POE, já que existia o conjunto de coincidências inicialmente apontado.

CONCLUSÃO

1. Vimos que a relação Dupin/Autor, considerada inicialmente estéril, comportava no entanto uma certa dinâmica entre os dois intervenientes, tidos como iguais entre si. Assim o equilíbrio nulo entre eles obtido passava primeiramente por um saber e agir de Dupin, contrabalançado pelo acto de escrita do Autor ao nos deixar um conto. Destes dois momentos da relação, o primeiro, apesar de incluir uma acção externa de Dupin ao apoderar-se da carta, é fundamentalmente interno, ao passo que o segundo se destina ao exterior, é um acto de criação voltado ao mundo. Desta maneira se distinguem dois momentos neste equilíbrio dinâmico, podendo dizer-se do primeiro que é votado à ordem ser, à essência da própria relação e do segundo que é dedicado ao devir, ao evoluir da relação no tempo. Digno de referência nesta situação Dupin/Autor,

tanto a inversão que se opera das posições relativas dos dois intervenientes, como a cada um deles estar reservado um domínio privilegiado, onde tem primazia relativamente ao outro. Também a introdução da dimensão temporal, aliada à existência dos dois domínios de acção diferentes, deve aqui ser mencionada, pois são gerados dois tempos diferentes: um tempo ideal, circular, mítico (*in illo temporae*, para utilizar uma expressão cara a certos autores), relativo a uma criação primeira, verdadeiramente atemporal e um outro tempo de que o mais remoto passado decorre do anterior e constitui o momento da criação de humanidade presente. Nesta altura são reconhecíveis os temas de chegada: a existência de duas criações, duas humanidades, um paraíso ou mundo do maravilhoso e à queda ou passagem para o mundo real e submetido às leis da história e da matéria, tal como o conhecemos — temas ligados entre si, que podem aparecer isoladamente ou em grupo, de forma expressa ou subentendida, mas que fazem indubitavelmente parte de um mesmo conjunto. Conjunto aqui tipificado através da dupla Dupin/Autor por parte de POE e dos gémeos culturais e criadores, por parte dos Apinayé, os quais para não fugirem à regra também trocaram de posição no tempo presente, longe que vão os tempos primevos.

2. Admitida a correspondência entre os dois sistemas de oposições aqui representados pelos esquemas (18) e (23), e embora tendo em atenção as reservas que apontámos quanto à mesma, parece-nos de tentar a sua fusão num único sistema, pois tal tentativa poderá levar-nos a uma melhor compreensão de qualquer deles. Da sobreposição dos dois sistemas obtém-se o esquema seguinte:

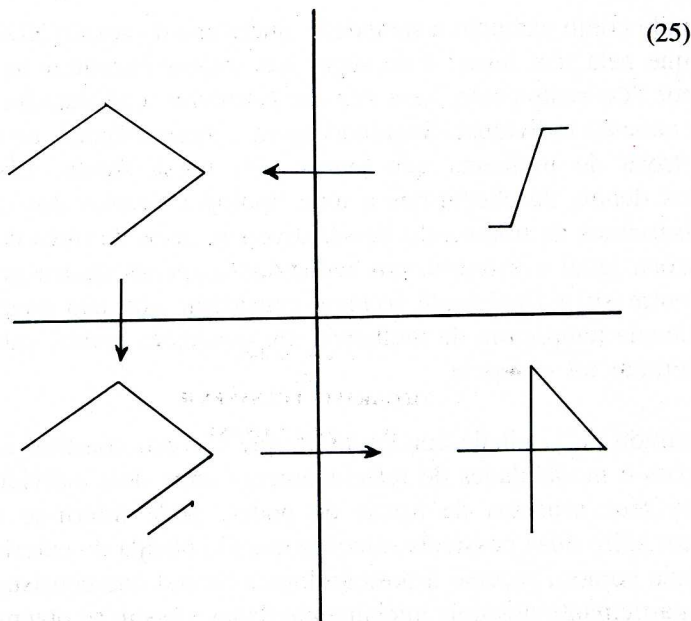


Porque *The purloined letter* abre com a relação Dupin/Autor, começaremos o exame do esquema (24) pelo correspondente caso de troca nula. Já foi dito que esta relação era considerada estéril e a troca resultante classificada de nula. A ideia subjacente é a da impossibilidade de comunicação e troca entre Dupin e o Autor, cada um deles acantonado na sua posição, sendo-lhes impossível delas sair e preocupados em manter um equilíbrio de poder entre si. Esta situação equivale para todos os efeitos à definição de dois territórios próprios, definindo-se cada um deles por oposição e como contrário do outro e sendo portanto, mutuamente exclusivos. O termo aqui usado, *território*, embora o seja em sentido figurado, leva-nos mais longe do que isso, pois à definição de um território corresponde, em termos espaciais, a delimitação de um espaço próprio de que a exclusividade é talvez a principal característica. Donde, a demarcação das posições irreduzíveis e incommunicantes Dupin/Autor, para além das esferas de acção próprias a cada um deles. Porque a situação prática daqui decorrente é insustentável em termos de sociedade, pois ficaríamos pela definição de insularidade individuais, há a necessidade do estabelecimento de pontes entre tais ilhas, para que se torne possível viver em grupo. Esta situação por esta forma entendida como ponto de partida e como dado espacial da *natureza*, estaria em correspondência com um outro dado, também natural, que seria o das linhagens de sangue continuadas de pai a filho. A ela estariam ligadas as ideias de semelhança e continuidade de que a expressão «tal pai, tal filho» seria o expoente popular. Neste caso, o mesmo sangue, e conseqüentemente, o poder por ele veiculado (sobretudo o de gerar imortalidade através da continuidade do sangue), transmitir-se-iam automaticamente de pai para filho, pelo mecanismo natural da sucessão de gerações, necessariamente finitas e limitadas no tempo. Esta «dialéctica da natureza» está, aqui consignada através da troca sem contrapartida, troca onde uma das duas partes envolvidas recebe da outra um bem que lhe confere poder, sem nada necessitar de dispensar na sua aquisição. Para repor o equilíbrio do poder irrevogavelmente perdido através do mecanismo da natureza baseado no factor tempo, inventa-se então o mecanismo da filiação cultural, simbólica, onde o anterior perdente encontra um meio de readquirir o poder sobre as gerações que se lhe seguem imediatamente no tempo, através de uma troca desigual que permitirá a estas últimas entrar na posse da cultura dos seus ancestrais. Troca simbólica que, dada a disparidade inevitável dos elementos que nela entram, coloca a geração mais nova em débito perpétuo para com a que inicia na prática e segredos dos antepassados. Repare-se que entre as linhagens de sangue envolvidas nestes dois casos de troca há uma diferença importante: a linhagem de sangue *cultural* é definida por contraste com uma outra, pelo que aparecem quatro personagens no respectivo processo de troca assimétrica, enquanto a linhagem de sangue *natural* se define em relação a si mesma, o que é atestado pelo facto de os dois personagens auxiliares do processo de troca sem contrapartida serem imagens, duplos dos dois intervenientes reais. Por último, o mecanismo de lançamento de pontes completa-se com a instituição de trocas simétricas entre grupos,

processo para o qual é necessário um mínimo de quatro indivíduos, trocando bens de igual valor. Este processo constitui a base de *compra* e origina o que poderíamos apelidar de «troca social», incluindo-a no campo da cultura. Com esta solução, encontra-se uma forma de permitir a comunicação, respeitando a igualdade e exclusividade dos territórios individuais naturalmente demarcados.

No sistema significativo de oposições assim obtido, vamos admitir que as noções de *natureza* e *cultura* constituem a exemplo de *tempo* e *espaço* categorias de entendimento humano. Como tal, não tentaremos delas dar definições precisas, remetendo-nos apenas para as características que lhes estão ligadas e a que já fizemos referência (são aliás essas características que, por coincidirem nos exemplos tratados — conto e apinayé — viabilizam a sobreposição dos dois sistemas de oposições). Uma vez mais utilizando a imagem da ponte, diremos que estas quatro categorias formam os pilares, sobre os quais assenta o tabuleiro, este último a noção central de troca, em si mesma o elemento de ligação entre as ínsulas individuais.

Um outro resultado que se obtém da sobreposição dos esquemas (18) e (23) é a obtenção do sistema formado pelas transformações da estrutura inicialmente dada (aqui considerada como tal a de troca nula), as relações entre as estruturas obtidas e como se transformam umas nas outras. Recorrendo ao habitual sistema de eixos e aos esquemas das estruturas de troca, obtêm-se as transformações a seguir representadas,



sendo as setas indicativas da sequência das transformações havidas a partir da estrutura mais simples. Diga-se também que a primeira estrutura de troca se pode transformar directamente na última, o que foi demonstrado quando analisámos a relação Dupin/Autor. Aliás seria teoricamente possível a transformação de uma qualquer delas noutra, hipótese que o conto deixa em aberto, pelo menos no caso da troca que o Prefeito faz do cheque pela carta.

3. Cabe aqui uma referência ao processo lógico de tratamento de dados empregue por POE. Partindo de um universo de trocas variadas que descreve, classifica-as em três tipos básicos: igual, desigual e sem contrapartida. A seguir, estes dados são submetidos a um primeiro tratamento que consiste em descrevê-los no interior de um contexto único, que é o de troca igual. Para isto é necessário supor que uma vez que, por mais variados que sejam os tipos de troca, eles têm sempre lugar dentro de um mesmo universo fechado e, portanto, a totalidade do poder em causa é constante, o que possibilita o tratamento do conjunto das trocas de forma simplificada e como se se tratasse apenas de duas trocas iguais, cada uma em seu sentido. Na última parte do tratamento, simplifica-se ainda mais o modelo anterior, reduzindo a estrutura de troca ao mínimo de dois intervenientes e, uma vez que eles trocam em condições de igualdade a totalidade do poder disponível dentro do seu universo, considera-se que é possível pôr de lado completamente a noção de troca, passando a tratar os dados supondo que estes constituem cedências alternadas de poder entre dois parceiros, de forma equilibrada.

Tomando como exemplo a sociedade americana do século XIX e as trocas de mulheres que nela têm lugar, é de supor que iremos encontrar os tipos de troca descritos por POE neste conto, uma vez que estruturas aqui tratadas não terão uma origem meramente individual. Seguindo agora a mesma lógica, no tratamento dos casos de troca de mulheres que temos pela nossa frente, iríamos primeiro descrevê-los depois de chegarmos a uma tipologia simples dos casos de troca; depois passaríamos ao tratamento desses diversos casos de troca como se fossem todos de troca igual e estivéssemos reduzidos a apenas quatro grupos trocando mulheres entre si; e finalmente iríamos considerar que não haverá troca, mas apenas cedência temporária de mulheres, em condições iguais, entre dois grupos que se alternam na cedência.

4. Partindo da já citada conclusão de que o conto constitui o levantamento das condições e modalidades de relacionamento entre dois indivíduos, estudadas através dos seus aspectos de trocas de poder, pode inferir-se que a relação Dupin/Autor sofre duas possíveis soluções quando olhada do exterior. A primeira é apresentada como o recurso à posição lógica formal que consiste em encontrar um termo participante dos dois inicialmente dados. Assim se obtém, um terceiro, síntese e superação da contradição entre os dois primeiros e suporte do princípio da identidade. O mesmo formalismo que leva à descoberta de um termo inter-

médio, se por um lado permite colocá-lo num ponto equidistante, por outro, vai possibilitar todo o tipo de oposição dentro do contínuo que vai de *um* ao *outro*, desde que seja possível encontrar um *idêntico* intermédio. Foi ainda este mesmo formalismo lógico que nos permitiu jogar com os temas e situações do conto, organizando-os em redor do triângulo lógico inicial, mesmo que por vezes essa organização pudesse parecer um tanto ou quanto forçada.

A segunda solução para a relação em causa consiste em encontrar os possíveis casos de relacionamento, este encarado agora não no seu aspecto formal, mas considerado o conteúdo da hipotética troca. Esta abordagem conduziu à definição de quatro tipos de troca de poder entre Dupin e o Autor, contada a situação de partida, definida como de troca nula.

Em *The purloined letter*, POE combina estas duas soluções de relacionamento que acabámos de focar — se os vários temas, pelo seu conteúdo, reproduzem as modalidades de troca, o relacionamento entre eles obedece ao formalismo lógico apontado. Desta maneira, fazendo presidir à organização formal um sistema lógico ternário e à organização do conteúdo um sistema quaternário, POE acaba por nos dar a noção da complementaridade entre os dois sistemas, partindo ambos da relação Dupin/Autor ⁽¹²⁾.

⁽¹²⁾ À mesma problemática da coexistência de dois sistemas diferentes se reporta LEVI-STRAUSS nos estudos a que procede, quando os compara a obras musicais. A metáfora musical empregue na organização formal das suas obras, é a solução que lhe permite combinar compassos diferentes, ternários e quaternários, na mesma *opera mitica*.